

O HIPÓCRATES DE LITTRÉ ¹

Henrique Cairus (UFRJ)

O *Corpus hippocraticum* nunca deixou de ser lido desde sua constituição e até mesmo desde antes dela. Alguns livros que integram essa copiosa coleção só deixaram de ser adotados como manuais pelos cursos de medicina de todo o mundo ocidental a partir do domínio da perspectiva científicista do século XIX. O positivismo, regente de boa parte das manifestações intelectuais daquela época, encontrou no *Corpus hippocraticum* um respaldo para algumas de suas idéias. Assim, a Coleção hipocrática abandonou as aulas de medicina e passou a frequentar os salões de conferências laicas.

O positivismo trouxe o *Corpus hippocraticum* para a discussão de idéias, resgatando-o do universo das preleções técnicas, onde não mais cabia. A partir da releitura das obras recolhidas sob o nome de Hipócrates, abriu-se uma nova perspectiva para a história da ciência, e, por conseguinte, para a história do pensamento ocidental. Desde Aristóteles, havia sido negligenciada a contribuição do *Corpus hippocraticum* para o pensamento, que em muito sempre ultrapassou o que dali poderia se valer exclusivamente a medicina.

A idéia de que havia uma medicina pré-hipocrática apoiada no raciocínio e na observação, e paralela aos rituais curandeirísticos, opõe o *phármakon* à *epaioidé*, além de suscitar uma questão acerca do caráter fundador da medicina hipocrática. Essa é uma questão ainda pujante, desde as especulações de Émile Littré até as considerações de Jackie Pigeaud.

A ciência da “infância da humanidade”² que tinha por patronos e expoentes Aristóteles e Hipócrates foi representada em uma célebre pintura no teto do anfiteatro do Collège de France. Foi ali que, em 1871, Claude Bernard proferiu sua conferência intitulada *Leçons de pathologie expérimentale*, na qual declarou a seus ouvintes:

Aqui mesmo, nas pinturas que ornaram o teto deste anfiteatro, vedes Aristóteles e Hipócrates curvados sob os pés dos anos e da ciência. Se é um emblema da ciência o que se quis representar, seria preciso tomar

¹ Trabalho apresentado no Congresso da ANPUH em 1999.

² Escrevo entre aspas distanciadoras essa expressão cunhada no seio da filosofia e da historiografia positivista.

o sentido oposto, e, no lugar de velhos, pintar crianças que estavam em suas primeiras balbuciações. (*Apud* CANGUILHEM, 1994, p.411)

Canguilhem, que cita esse excerto da conferência de Bernard, termina a sua própria conferência intitulada *Puissance et limites de la rationalité en médecine*, proferida em 1978 em Estrasburgo – precisamente cem anos depois da morte de Bernard – , com a seguinte reflexão:

Sem dúvida, o discurso científico começou pelas balbuciações infantis, mas que adulto dedicado a racionalizar esse discurso poderia se vangloriar de haver atingido um estágio de articulação sintática das frases? (*ibidem*)

Canguilhem encerra definitivamente a era de certezas acerca do conhecimento científico, e o faz a partir da análise das tentativas de racionalização da doença desde o final do século XIX. O *Corpus hippocraticum* deixa definitivamente de ser tratado como um retrato da infância da humanidade, quando teria despontado a perspectiva científica.

Contudo, seguramente não é isso que fez Littré, que, não obstante, empenhou suas ferramentas filológicas para atribuir ao *Corpus hippocraticum* uma feição cuja a relevância eleva as duas figuras representadas no teto do Collège de France da infância da humanidade à infância da ciência.

Discípulo dissidente de Auguste Comte, Littré dedicou mais de duas décadas à elaboração de sua edição do *Corpus hippocraticum*. São dez laboriosos volumes que saíram do prelo entre 1839 e 1861. Ao fim de vinte e três anos de pesquisa sobre todas as obras que formavam a coleção hipocrática, Littré permite que se lhe entreveja alguma emoção na assertiva que figura no décimo e último tomo: "Je ne laisse point Hippocrate tel que je l'ai trouvé" (X,liii).

Charles Daremberg, em sua primeira edição de seu *Hippocrate*³ (1843)⁴, endereça-o “aos médicos e aos estudantes que têm pouco tempo para dedicar à

³ Trata-se de uma edição de quatorze livros do *CH*: Juramento, A lei, Da arte, Do médico, Prorréticos (I), Prognóstico, Preenções de Cós, Ares, águas e lugares, Epidemias I e III, Do regime nas doenças agudas, Aforismos, e fragmentos de muitos outros tratados.

⁴ Portanto, seis anos antes da edição de Littré.

CAIRUS, Henrique. O Hipócrates de Littré. ANPUH, 1999.

literatura médica”. Doze anos mais tarde, o mesmo (e outro) Daremberg⁵ publica a segunda edição de seu *Hippocrate*; mas o endereçamento modifica-se substancialmente:

Continuando fiel ao meu plano primitivo, estendi sobre mais de um ponto o campo das discussões históricas (....) Eu me sentiria muito recompensado pelos novos esforços que empreendi, se a leitura deste volume puder contribuir em alguma coisa para robustecer ou engendrar em alguns espíritos o gosto pela filologia médica e pela história da medicina.⁶

O Padre Auguste Diès inicia sua obra magna *Autour de Platon* (1926) com uma pormenorizada explicação sobre a elaboração do *Corpus hippocraticum* empreendida por Émile Littré. O entusiasmo do clérigo helenista referia-se tanto à instituição do rigor no tratamento filológico quanto ao entrecruzamento entre a filosofia platônica e uma de suas fontes, a medicina hipocrática⁷. Quanto ao tratamento filológico, bastaria dizer que Littré delineou a maioria dos procedimentos técnicos de estabelecimento de texto que são hodiernamente adotados. Contudo, não seria razoável deixar de assinalar também o tom empolgado do debate acerca das opções de texto e de autoria. Definitivamente Littré acreditava que não era possível ir-se além de suas muitas descobertas. De fato, ele cercou-se de todos os cuidados: foi aos antecessores das escolas médicas, aos seus contemporâneos, examinou-lhes a língua em pormenores, datou com toda a precisão que lhe foi possível cada texto, apontou analogias e coincidências....

Um exemplo da rigorosa filologia de Littré é o caso do tratado *Da natureza do homem*, de autoria discutida desde Galeno, que foi considerado pelo sensato positivista da lavra de Pólibo. Galeno, assim como muitos *savants* do séc. XVI ao séc. XVIII, atribuía a autoria conforme o mérito da obra. Isso o induzia, por vezes, a dividir o mesmo tratado em partes de Hipócrates e partes dos epígonos. A idéia de epígonos inferiores, tão contrária à de progresso, fez com que Littré obtemperasse a paixão do médico de Pérgamo, e estabelecesse critérios para autoria que lhe parecessem mais

⁵ A hipótese de uma influência de Littré nessa transformação de Daremberg não me parece nada inverossímil. Duas cartas de Petrequin a Daremberg (a primeira de 14 de setembro de 1862, e a segunda de 25 de outubro de 1872), embora posteriores à data de publicação do último tomo da obra de Littré, reforçam a crença nessa possibilidade. As cartas continuam inéditas, e Danielle Gourevitch (1994) publicou-as parcialmente.

⁶ Na segunda edição de Daremberg, a escolha dos textos modificou-se muito pouco, tendo sido acrescido apenas mais um tratado.

⁷ O que é explicitado, p.ex., em *Fedro*, 270c.

científicos. Assim, o testemunho de autores como Diocles, contemporâneo de Platão que se refere a doze tratados médicos como sendo de autoria de Hipócrates (e, a aproximadamente dezesseis como sendo de autoria hipocrática), e Aristóteles adquirem o valor de indício. As referências que Platão e Tucídides fazem à medicina também foram examinadas com muito interesse por Littré, primeiramente para que se soubesse a que tratado se referiam, mas também para subordinar desde os primórdios a filosofia ao método científico que o positivista quer ver referido, por exemplo, na seguinte passagem do *Fedro*:

Sócrates – Então, quanto à natureza da alma, crês que é possível conhecê-la devidamente sem conhecer a natureza do todo?

Fedro – Quanto a isso, se se fiar em Hipócrates, da família dos Asclepiades, não é possível conhecer o corpo sem esse método.

Sócrates – É certo, meu companheiro, o que ele diz. É necessário, porém, examinando o lógos para além de Hipócrates, observar se este está de acordo com aquele.

Fedro – É o que digo.

Sócrates – Vê, então, o que dizem sobre a natureza Hipócrates e o lógos verdadeiro. Não seria assim que é preciso pensar sobre a natureza de um objeto? Ou seja, primeiramente, examinar se o objeto sobre o qual nós queremos ser os *tekhikoí* – e capazes de formar outro *tehnikós* – é simples ou multiforme, e e, em seguida, se ele for simples, observar sua propriedade, a que atividade está mais propenso ou de que ação é mais passível? Se o objeto possuir muitas formas, não seria preciso, depois de contá-las, vê-las, a cada uma, como objetos simples, isto é, examinar a que está mais propenso a fazer ou de que ação é mais passível? (PLATÃO, *Fedro*, 270c-d)

Esse conhecidíssimo excerto de Platão tornou-se uma pedra de toque na argumentação de Littré acerca da autoria hipocrática do tratado *Da medicina antiga*, em oposição à tese de Link, que via no tratado refutações a idéias de Aristóteles⁸. Littré mostra o quão pouco razoável é ver nessa passagem do *Fedro* uma referência ao *Da natureza do homem* (como pretende Galeno), enquanto o *Da medicina antiga* encerra tudo o que o filólogo-médico quer reconhecer por ciência.

⁸ A crítica atual, mais cética sobre a questão hipocrática do que Littré, não considera o *Fedro* de Platão testemunho assaz aceitável de autenticidade hipocrática. CAIRUS, Henrique. O Hipócrates de Littré. ANPUH, 1999.

A obra *Histoire des sciences médicales*, de Charles Daremberg, datada de 1870, revela o mais afamado pensador sob a influência direta de Littré e de Ernest Renan. Distante do positivismo comtiano, Daremberg contribui para elucidar um ponto acerca do trabalho que Littré empreendera sobre o *Corpus hippocraticum*. Esse médico-historiador oferece o que se poderia considerar uma cifra da historiografia positivista: "se os fatos são a própria substância da ciência, os textos são a substância da história". Contudo, seria sofismático argumentar que a relação entre ciência e história é a mesma do que a que há entre fato e texto.

Há que se perceber para além da moderna concepção de texto-fato, quando se trata do labor filológico de Littré, malgrado seja necessário reconhecer-se uma distância entre os conceitos de "texto" e "fato". Aflora, portanto, a questão: por que o esmero ecdótico? Ou – o que seria ainda o mesmo – o que Littré entende por texto?

A historiografia positivista não é diretamente factual, mas textual. Diretamente factual é a ciência, conforme Littré e Daremberg. Littré nunca dialoga com Hipócrates, como o faz Werner Jaeger. Não condena os diagnósticos "equivocados", ou as concepções anatômicas distorcidas. Littré simplesmente trata o CH como uma substância imaculável. Uma decisão de estabelecimento de texto um pouco mais interventiva do que as demais custa-lhe páginas de justificativas. É a sua substância, e mesmo a tradução é muito arriscada. Para Littré, o que interessava era saber que um homem grego substituir um deus por uma causa natural na responsabilidade por um mal dizia respeito a sua infância intelectual: aquilo era a ciência pueril, mas ainda assim a ciência por inteiro; assim como a criança da foto não deixa de ser o adulto que a mostra; ou ainda segundo o próprio Littré:

Quando se procura a história da medicina e os primórdios da ciência, o primeiro corpo de doutrina que se encontra é a coleção de escritos conhecida sob o nome de obras de Hipócrates. A ciência remonta diretamente a essa origem, e aí mesmo permanece⁹.

Ao referir-se à ciência que tem seu início e seu último estágio em Hipócrates, Littré indica que os fundamentos do que ele concebia como ciência encontravam-se no *Corpus hippocraticum*; mas, ainda assim, não se afastava da concepção positivista de

progresso. De fato, a medicina do século XIX precisou reler suas fontes para beneficiar-se da primazia entre as ciências.

Quem se dispuser a ler as edições de textos do CH antes e depois da de Littré não há de hesitar em considerar que as resoluções do filólogo francês são, no mínimo, muito engenhosas e perspicazes. O critério meritocrático, vigente desde Galeno, foi abolido em prol do critério filológico que ainda hoje prepondera em nossas edições críticas. Pode-se ilustrar o nascedouro desse critério com a polêmica inflamada que Littré manteve com Charles Petersen (e da qual saiu notório vencedor) acerca da autoria do tratado *Da natureza do homem*¹⁰.

A polêmica é extensa e não caberia aqui, mas seu ponto mais interessante para nosso tema foram as críticas ao pouco cuidado que Petersen aplicou à seleção de suas fontes. A objeção não se restringe à falta de minúcia, mas diz respeito também à desarmonia entre o texto e o fato ao qual Petersen pretendia relacioná-lo. Por isso, Littré, depois de crer comprovadas as impertinências dos argumentos de Petersen, completa sua exposição de uma forma inusitada: "Deixemos os textos e vejamos as coisas. Para colocar claramente as impossibilidades, eu mudo o tempo e transporto a cena para o nosso tempo". Littré, com isso, queria provar que nem mesmo em seu tempo um médico poderia conter uma epidemia, e que aqueles que, como Petersen, atribuíam tal feito à Hipócrates baseavam-se, não nos contemporâneos ao médico de Cós, mas na lendária figura moldada pelos oradores que distavam cronologicamente de seus coevos.

A distinção entre um Hipócrates lendário e um factual, assim como o interesse exclusivo por este último, em nada se distancia da atribuição de importância ao texto como substância da história. A primeira providência da obra de Littré foi seccionar o CH em dez classes, conforme a autoria: 1ª classe: escritos de Hipócrates (*Da medicina antiga; Prognóstico; Aforismos* [exceto a oitava seção]; *Epidemias I; Epidemias III; Ares, águas e lugares; Das articulações; Das fraturas; Dos instrumentos de redução; Dos vasos sangüíneos; Das feridas na cabeça; Juramento, e Lei*); 2ª classe: escritos de Pólibo (genro de Hipócrates); 3ª classe: escritos anteriores a Hipócrates (dois tratados apenas); 4ª classe: escritos da escola de Cós, de contemporâneos ou de discípulos diretos de Hipócrates; 5ª classe: simples extratos ou notas; 6ª classe: série autônoma pertencente a um só autor; 7ª classe: escrito talvez de Leóphanes (*Da superfetação*); 8ª

⁹ Lorsqu'on recherche l'histoire de la médecine et les commencements de la science, le premier corps de doctrine que l'on rencontre est la collection d'écrits connue sous le nom de l'oeuvre d'Hippocrate. La science remonte directement à cette origine et s'y arrête. (LITTRÉ, 1839 ,t.I, p.403)

¹⁰ v. PETERSEN. In: *Philologus*, 1849, pp.209-65 e LITTRÉ, 1851, t.VII, viii-xl.

CAIRUS, Henrique. O Hipócrates de Littré. ANPUH, 1999.

classe: tratados mais recentes; 9ª classe: escritos não citados pelos comentadores antigos; 10ª classe: escritos perdidos.

Não há Littré-filólogo e Littré-médico. Em vários momentos da obra, Littré deixa claro que procederá de acordo com o método. O texto é um objeto de sua ciência, tal qual o corpo. Não há que interpretá-lo, naturalmente, mas é preciso conhecer tudo que o envolve. Todavia, o estabelecedor é um co-autor.

As recentes edições do CH empreendidas pela Editora Les Belles Lettres oferecem, pelas divergências com o texto de Littré, além de um outra visão do abstrato texto original, um retrato revelador de um filólogo positivista.

Estabelecer o texto é, sem dúvida, a tarefa mais relevante do filólogo. O texto de Littré está sendo adotado com diminutas modificações pelos atuais filólogos que neste momento estão reeditando o CH sob a coordenação do professor Jacques Jouanna. É verdade que um filólogo nunca poupa um posterior de qualquer trabalho, mas somente lhe encarrega de examinar mais uma versão. Contudo, no caso de Littré, conquanto pese o olhar cientificista, é inadmissível que seu préstimo não lhe seja creditado.

Quanto ao estabelecimento, Littré prefere invariavelmente as opções encadeadas, ainda que isso represente um afastamento do manuscrito base. Essa escolha se dá menos pelo apreço ao fácil do que pelo amor à clareza. O aparato crítico, numerado como 'nota de rodapé', justifica com muita erudição as escolhas. As justificativas são dadas em francês, e as notificações, em latim, conforme o padrão ainda hoje adotado. Littré ainda, às vezes a despeito da autorização documental, uniformiza o jônico artificial do CH, dando-lhe assim uma roupagem 'mais confiável'.

De todo o CH, os textos que mais parecem servir às idéias de Littré são *Da antiga medicina*; *Da natureza do homem*; *Da doença sagrada*, e *Ares, águas e lugares*. Os três primeiros são introduzidos por um discurso negativo desferido contra diversos raciocínios dogmáticos. Os quatro têm em comum serem a base do empirismo cuja paternidade Francis Cornford queria atribuir ao CH.

De fato, esses tratados são paradigmáticos da atitude do novo homem do século V. Platão, ao referir-se ao método da medicina, mencionava uma nova relação com o mundo, fundamentada principalmente em uma relação indireta com os deuses.

A tradução é, depois do estabelecimento, a segunda oportunidade de intervenção no texto. A tradução de Littré é seu produto final. Depois de duas demãos, o texto do CH já não consegue mais dissociar-se de seu filólogo. Da tradução nasce um novo CH, cuja co-autoria é bem conhecida. Como exemplo dessa marca irrefutável, apresento

duas traduções de um famoso trecho do tratado *Da doença sagrada*, uma de Littré, outra, tão literal quanto o grego permite:

Tradução de Littré:

Aqueles que primeiramente santificaram essa doença foram, na minha opinião, o que hoje são os magos, os expiadores, os charlatães, os impostores e todas as pessoas que tomam aparência de piedade e de ciência superior. Lançando, então, a divindade como um manto e um pretexto que abrigassem sua incapacidade de procurar algo útil, essas pessoas, a fim de que sua ignorância não se tornasse manifesta, pretendiam que essa doença fosse sagrada.

Tradução mais literal possível:

Os primeiros homens a sacralizarem esta enfermidade parecem-me ser os mesmos que agora são os magos, purificadores, charlatães e impostores, todos que se mostram muito pios e plenos de saber. Esses certamente escusando-se, usam o sagrado para proteger-se da incapacidade de fazer valer o que ministram, e, para que não se tornem evidentes sabedores de nada, declaram esta afecção sagrada.

Poder-se-ia tecer vários comentários somente sobre esse excerto mais escolhido ao acaso do que por conveniência argumentativa. No entanto, dada a natureza limitada dessa exposição, restrinjo-me a apenas dois detalhes. Primeiramente, o termo "ciência superior" (*science supérieure*), tão recorrente no texto de Littré, foi a tradução que lhe pareceu indicada para o grego *pléon ti eídenai*, que significa literalmente 'saber muito alguma coisa', e, na frase, compõe uma antítese à expressão *oudèn epistámenoi*, que significa literalmente 'sabedores de nada'. A equação que parece aqui unir 'ciência superior' e 'saber muito alguma coisa', relevada a ironia que se desejasse pespegar-lhe, parece comportar um choque entre o primeiro conceito e o pronome grego 'ti' (*alguma coisa*). Por outro lado, a sintética tradução de *oudèn epistámenoi* por 'ignorantes' parece, à primeira vista, ter desconsiderado a relação absolutamente positivista entre o termo *epísteme* e o conceito de 'ciência'. Littré, contudo, não perderia a oportunidade de notá-lo, e naturalmente é o segundo termo da antítese que justifica a tradução do primeiro.

Outro exemplo, ainda que muito breve, retirei-o do tratado *Da natureza do homem* (Littré), que tem sua parte polêmica dirigida aos pré-socráticos monistas. Nele, Littré oferece a seguinte tradução:

Tradução de Littré:

Ora, tendo todos a mesma idéia, mas não chegando ao mesmo termo, é evidente que eles não possuem uma noção positiva.

Enquanto uma outra proposta de traduzi-lo poderia chegar ao seguinte resultado:

Quando, pois, todos utilizam o mesmo juízo (*gnóme*), mas não dizem as mesmas coisas, é evidente que sequer as conhecem.

A expressão 'possuir uma noção positiva' foi a tradução que Littré encontrou para o verbo grego *gignósko*, que significa 'conhecer'. Na frase em questão, o verbo *gignósko* opõe-se a palavra *gnóme*, que lhe é cognata. No entanto, a vontade do filólogo francês o impele a considerar que o jargão positivista é adequado para expressar a sua idéia de conhecimento. Littré parece ter encontrado no tratado sua própria opinião. O ataque às conclusões divergentes que partem de princípios idênticos parece ser desferido pelo próprio Littré, ainda mais quando se lêem os termos assim moldados.

Para um pensador que se apartou de Comte por uma filosofia laica e dessacralizada, um texto como o tratado *Da doença sagrada* tinha a força de uma profecia. Littré encontrou aí seu texto canônico. Tudo está dito: basta traduzir. Mas, o charlatão e o impostor do médico tratadista era aquele que se recusava a aceitar a complexidade que a imanência imprime entre a causa e o efeito. Era o século V, quando o homem se vê mais a sós consigo, tal qual um Teseu sem Hipólito.

O impostor e o charlatão de Littré, porém, é aquele que diz ter-se alçado à ciência, mas não saiu da ignorância, ou aquele que se reveste de sagrado, para esquivar-se das luzes do conhecimento científico? A mim, parece-me que Littré estava mais preocupado com esse segundo charlatão, e é possível até mesmo entrever aí alguma imagem da religião comtiana, ainda mais se se considerar que o apreço de Littré a esse tratado era de tal ordem que parece não lhe ter permitido notar que seu autor é o mesmo do tratado *Ares, águas e lugares*. Realmente, esse último não trata do tema que a Littré pareceu primordial: o ataque à religiosidade acientífica e cultora da ignorância, embora

repita a assertiva de que nenhuma doença é sagrada. Mesmo sem se descuidar em nenhum momento do texto, Littré parece supervalorizar a parte polêmica dos tratados que a têm, como se aquilo que a seguisse viesse apenas trazer-lhes argumento e o devido suporte científico.

O *Ares, águas e lugares* também foi muito útil para fundamentar algumas tendências do pensamento do século XIX, mas esse tratado apresentava algumas peculiaridades que o tornaram complexos. O texto do tratado ensina como os médicos viajantes devem proceder para desempenhar suas funções em uma terra em que acabam de chegar. Observar os ventos, as águas, o clima, os hábitos, ... são tarefas que competem àquele que almeja curar em terras estranhas.

Para o século XIX, o tratado não poderia fazer uma simples migração da ciência para a história da ciência, sem que se leve em consideração a validade do método ali exposto. O problema que esse tratado apresenta para o século XIX é, portanto, como considerar um método válido sem que ele produza resultados corretos. Esses problemas não foram resolvidos por Littré – e tampouco por qualquer outro autor do século XIX –, mas foram legados aos teóricos do século XX como a melhor forma de perceber os mecanismos de adequação que o cientificismo imputava aos textos da “ciência” antiga.

Resumidamente, o problema de Littré, que queria ver nos tratados hipocráticos apenas os traços infantis da ciência, retorna ciclicamente quando se negligencia a dimensão histórica das idéias.